

Editorial

O número 16 da Revista **Cidades**. Comunidades e Territórios, estrutura-se em torno do signo da complexidade crescente das formas e estruturas urbanas e das reflexões sobre a procura das novas formas de fazer a cidade. De facto, estamos hoje conscientes de que o futuro da humanidade reside em larga medida nas cidades, centros de inovação, competitividade e mudança social. Assiste-se também a nível do urbanismo a uma mudança cada vez mais consensual no pensamento sobre as formas de pensar e de gerir as cidades. Estas mudanças têm a sua ancoragem, em larga medida, no aumento de complexidade e diversidade das formas urbanas, dos custos de transporte e dos impactes sobre os modos de vida do alargamento dos espaços urbanos a vastas zonas antigamente rurais, na conflituosidade crescente dos territórios críticos e aumento da insegurança urbana, nos efeitos ambientais crescentes da concentração, entre outros factores.

A cidade procura novas formas de se pensar e de se gerir confrontada com os efeitos perversos ambientais, sociais e económicos, mas também políticos e administrativos, que não só a questionam como também colocam em causa a sua sobrevivência nos actuais moldes. Não devemos esquecer que pela primeira vez, em 2007, a esperança de vida nos países do centro não aumentou e, nalguns países como em Portugal diminuiu, em larga medida como efeito das novas doenças civilizacionais e de entre elas muitas com origem numa cidade pouco amigável e sustentável.

No contexto europeu, as “áreas críticas” e os “bairros de realojamento” tornam evidente o mal-estar urbano de muitos cidadãos e merecem a atenção de uma grande diversidade de profissões, estando na primeira linha de preocupação de sociólogos e de outros urbanistas e dando origem a projectos de estudo – e de intervenção – que procuram melhorar a equidade na cidade.

Com a preocupação de conhecer o pensamento europeu actual sobre as formas de co-produzir a cidade, pediu-se pois a Claude Jacquier que fizesse o ponto da situação sobre as formas de intervenção em nome do “desenvolvimento social urbano”. O autor em *Fragmentation des territoires urbains et développement soutenable: un rôle central de régulation politique pour les villes et les régions urbaines*, equaciona as experiências de trabalho nas “áreas críticas” mostrando como a complexidade das situações exige outras formas de “fazer a cida-

de” ao nível da governação, sendo acompanhadas de novas exigências às profissões ligadas ao urbanismo, ciências sociais inclusive. O autor, recenseia programas de intervenção urbana em França, Inglaterra, Dinamarca, Finlândia, Noruega, Itália, entre outros países e apresenta um olhar crítico sobre as políticas europeias actuais face à Cidade.

Angel Paniagua aprofunda, de forma muito interessante, as racionalidades presentes nas migrações cidade-campo no actual contexto europeu e particularmente em Espanha. Dando conta da forma como as preocupações ambientais estruturam uma nova classe social, interroga as razões que orientam para novos modos de vida em meio rural em duas direcções: as motivações ambientais na migração da cidade para o campo e o impacte dessas migrações nas actividades, nomeadamente profissionais, nesses novos contextos rurais. Apesar de destacar a diversidade de motivações e dos grupos sociais que as protagonizam, Paniagua salienta que algo é comum ao conjunto destes migrantes, a enorme satisfação pelo local onde vivem e o desejo de aí permanecerem.

Confirmando essa fragmentação da cidade e suportando-a com uma base empírica, Sónia Alves fala-nos da geografia do desemprego no Porto interrogando os “efeitos de área” na manutenção de “bolsas” de exclusão social na cidade e concluindo sobre a existência de uma variação intra-urbana particularmente evidente entre a parte ocidental e a oriental da cidade. Apresentando essa regularidade na localização das bolsas de pobreza questiona os efeitos da concentração de alguns dos maiores bairros de habitação social na cidade no aprofundamento da segmentação socioespacial da cidade do Porto.

Ainda glosando o tema da equidade urbana e das formas de fazer a cidade, Susana Sousa apresenta-nos as intenções do Programa intitulado *Iniciativa Bairros Críticos* e os desafios que coloca ao nível de uma intervenção que se pretende integrada (urbanística mas também social, cultural, económica...) e institucionalmente solidária (através do compromisso de vários ministérios e na relação entre instituições locais, regionais e nacionais). Este programa que tem como desafio central iniciar novas formas de intervenção urbana “pretende promover uma abordagem considerada inovadora no contexto da política urbana nacional, por ser uma intervenção estratégica experimental que procura

intervir provocando mudanças desejáveis e efectivas no bem-estar dos residentes e a sustentabilidade e durabilidade dos resultados e efeitos”.

Vítor Matias Ferreira partindo de um quadro analítico estruturado em torno das noções de Território, Património e Cultura procura ilustrar a especificidade histórica e territorial do Sudoeste do continente português, equacionando algumas das condições da sua sustentabilidade. A referência empírica a uma investigação centrada em Lisboa permite ao autor evidenciar alguns dos pressupostos que sustentam “a afirmação do Sul como paradigma histórico, cultural e territorial” e colocam o Sudoeste como “laboratório de ensaio” de muitos dos eixos que problematizam as questões em torno do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade territorial. Ao demonstrar a difícil delimitação conceptual e analítica destas noções, Vítor Matias Ferreira evidencia o campo de ambiguidades das propostas políticas, propondo a superação gradual de alguns dos dilemas enunciados onde surgem como vectores-chave a cooperação urbana e territorial, a equidade social e o projecto político.

O “mundo rural” português em geral, e o Alentejo em particular, estão mergulhados em imagens míticas às quais escapam as transformações que sub-repticiamente atravessam esse espaço rural e que farão emergir a muito curto prazo uma imagem bem diferente. O artigo de Ana Romão aprofunda a produção desta imagem do rural alentejano, analisando os jornais entre 1992 e 1996, período de forte crise na região onde os temas da pobreza e do subdesenvolvimento são maioritários. A autora destaca como a imagem depressiva do mundo rural está impregnada nos *media*, sobretudo no discurso dos elementos externos ao espaço rural, mas onde também cada vez mais emergem as transformações associadas às potencialidades patrimoniais,

culturais, ambientais do Alentejo. Substituição ou não de uma imagem mítica por outra, o Alentejo assume nos *media* cada vez mais uma imagem de território/ambiente/qualidade de vida numa base de potencialidade “congruente com as ideologias e os imaginários contemporâneos”, ao mesmo tempo que reflecte o estado dos conhecimentos que conduzem a revalorizar a relação do território com atributos outrora esquecidos.

Na rubrica do dossier coloca-se o texto de António Pedro Dores intitulado *Teorias Sociais face ao Direito*, que pretende desafiar o artigo de Pierre Guibentif no número anterior da Revista **Cidades**. Ambos os autores fazem uma análise crítica da forma como a Sociologia se confronta com a lógica de produção social do Direito, nomeadamente da forma como é entendida e problematizada a racionalidade e o agir individual face à marcação societária da norma e do desvio. Atravessando esta polémica está a tradição epistemológica e teórica da relação entre as teorias mais positivistas da sociologia e as mais comunicacionais e compreensivas.

Teresa Sá apresenta a recensão do livro – *Conjuguer la ville* –, dirigido por Roselyne de Villanova que reunindo um conjunto de autores de vários países e diferentes áreas disciplinares – a arquitectura, a antropologia e a sociologia – se procura compreender como a conjugação de diferentes formas de conhecimento podem juntas agir sobre a cidade.

Este número da revista conta ainda com a selecção efectuada por Teresa Amor de um conjunto de referências bibliográficas em torno das dimensões analíticas subjacentes à temática do envelhecimento em meio urbano.

Alexandra Castro
Isabel Guerra